

MATO GROSSO EM EVIDÊNCIA EM *UMA MANEIRA SIMPLES DE VOAR*: FOLCLORE E REGIONALISMO

Adelia Maria de Souza Lima¹
Epaminondas de Matos Magalhães²

RESUMO: Este artigo buscou analisar a obra *Uma Maneira Simples de Voar*, de Ivens Cuiabano Scaff, com um especial recorte para as lendas e mitos do folclore brasileiro e ênfase aos costumes de contar essas histórias, tomando como espaço Mato Grosso. Esse ato de contar histórias envolve o ser infantil em uma aventura mística e cheia de fantasias, assim, a partir dos personagens velho Amis e a menina Ade, juntamente com o menino Andriel e a velha Siá Frô, o leitor se depara com aventuras maravilhosas que aguçam o seu imaginário, aproximando-o da fauna e da flora mato-grossense, e ainda passa a conhecer criaturas místicas e folclóricas que há tempos estavam ausentes nas produções contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico. Folclore. Narrativa.

MATO GROSSO IN EVIDENCE IN *UMA MANEIRA SIMPLES DE VOAR*: FOLKLORE AND REGIONALISM

ABSTRACT: The present article sought to analyze the work *Um Maneira Simples de Voar*, by Ivens Cuiabano Scaff, with a special focus on the legends and myths of Brazilian folklore, with an emphasis on the customs of telling these stories, taking Mato Grosso as a space. This act, of storytelling, involves being a child in a mystical adventure full of fantasies, as from the characters: old Amis and the girl Ade, together with the boy Andriel and the old Siá Frô, the reader is faced with adventures wonderful things that sharpen your imagination, bringing you closer to the fauna and flora of the state of Mato Grosso, and you also get to know mystical and folkloric creatures that were absent in contemporary productions for a long time.

KEYWORDS: Fantastic. Folklore. Narrative.

1. INTRODUÇÃO

Uma Maneira Simples de Voar, publicado em 2006 por Ivens Scaff, é demarcado geograficamente no cerrado mato-grossense, em especial na cidade de Cuiabá, local de morada do autor, e destaca as riquezas da fauna e da flora desse lugar. Além de resgatar algumas brincadeiras infantis muito comuns naquela região, o autor retrata contos folclóricos que possivelmente fizeram parte de sua infância, retomando um antigo costume, no qual os mais velhos contavam histórias fantasiosas para os mais novos, prática comum em cidades do interior que foi perdendo força com o advento da tecnologia.

¹Doutoranda em Estudos Literários. Mestre em Linguística. Pesquisadora na área de Literatura Africana. E-mail: adelia.livre@gmail.com

²Doutor em Letras. Professor do IFMT. E-mail: epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br

Desse modo, ao lermos essa obra, nos deparamos com personagens que levam a criança a criar, subjetivamente, caracteres que compõem seu mundo imagético, permitindo-lhe viajar na história. O narrador inicia o primeiro capítulo enfatizando que a região possui um bioma similar: *O Cerrado dos caminhos que se cruzam*, e é a partir desses caminhos que a aventura começa de forma lúdica. O autor introduz o leitor ao meio rural descrevendo o coaxar dos sapos, pois o personagem não sabia ao certo qual caminho tomar para chegar ao sítio, desse modo, esses coaxares seriam a resposta desses animais para direcionar a viajante ao seu destino. Como o próprio título do capítulo sugere, independentemente da escolha que tomar, chegará a esse destino, e para chegar nesse sítio, há um segredo que, segundo ele, é só seguir o cheiro da banana frita, e como ressalta Almeida e Magalhães (2019), esse cheiro, muito peculiar para os moradores das terras mato-grossenses e que pode parecer estranho para aqueles que não residem em Mato Grosso, fomenta o desejo de senti-lo, de conhecer esse cheiro. Isso se torna a ‘maçaneta mágica’ que levará ao universo encantado do sítio (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2019, p. 107).

Desse modo, a sinestesia emana sensações diferentes numa só impressão e aproxima o leitor daqueles sentimentos narrados, vivenciando em seu imaginário uma percepção sensorial que proporciona maior aproximação e familiaridade aos acontecimentos.

2. ANÁLISE

Nessa obra, o leitor se torna companheiro das aventuras e passa a conhecer as personagens que compõem essa experiência, que basicamente são os amigos: a menina Ade, o velho Amis, o menino Andriel e Siá Frô. A personagem Ade se apresenta na narrativa como perguntadeira, isso nos leva a refletir sobre o lugar da criança como aquela em que as dúvidas e anseios estão inculcados e há uma ânsia por conhecimento e respostas. Essa personagem, por sua vez, encontra amparo no velho Amis, personagem mais velho na história e, portanto, detentor de um arcabouço cultural, surge como um grande contador de história para a personagem criança.

Assim, entre muitas perguntas feitas por Ade, o velho Amis, que saiu pelo sítio para mostrar as belezas do lugar para a menina, conta alguns contos folclóricos que fazem parte da vida de muitos mato-grossenses, como o do Minhocão do Pari. Essa é uma das lendas mais conhecidas entre os moradores de Cuiabá. Dentre muitas versões da lenda, separamos uma que diz que:

O “Minhocão” aterrorizou ribeirinhos que acreditavam que a cobra gigante vivia nas profundezas do Rio Cuiabá e, vez ou outra, virava barcos para devorar os pescadores, levantava grandes ondas e desmoronava barrancos dos rios. A lenda teria surgido após o padre Ernesto Barreto comprar um grande terreno onde hoje está localizado a Barra do Pari, em 1880. Os moradores mais antigos das terras de padre Ernesto, nos fundos dos Bairros Santa Amália e Araçá, dizem que o Minhocão do Pari desapareceu da região durante a grande enchente de 1974. Reza uma das mais famosas lendas cuiabanas que não se pode reformar ou restaurar a igreja matriz da capital de Mato Grosso, já que o minhocão se encontra preso pelos fios de cabelo de Nossa Senhora. (BORGES, 2019, p. 1).

Os contos folclóricos até hoje encantam o imaginário das crianças, apesar de que, na atualidade, muitas crianças não vivenciam essa prática de ouvir histórias dos mais velhos, mas ainda no interior do Brasil, muitas famílias exercem essa função mágica de encantar esses sujeitos com esses mitos, assim o simbólico se reverbera na composição do imaginário de cada um e a narrativa mitológica tem seu funcionamento. E para reforçar essa ideia, Mielietinski destaca que:

O funcionamento dos símbolos mitológicos visa a pôr em oposição o comportamento individual e social do homem e a sua cosmovisão [o modelo axiologicamente orientado do universo] nos limites de um sistema indiviso. O mito explica e sanciona a ordem social e cósmica vigente numa concepção de mito, própria de uma dada cultura e explica ao homem o próprio homem e o mundo que o cerca para manter essa ordem; um dos meios práticos dessa manutenção da ordem é a reprodução dos mitos em rituais que se repetem regularmente. (MIELIETINSKI, 1987, p. 197).

Entendemos que os mitos foram criados para tentar explicar eventos misteriosos ou sobrenaturais, e dessa forma a ordem social era reestabelecida, pois a mitologia sempre carrega um forte significado e sobrevive pela crença. Desse modo, os mitos e os contos folclóricos fazem parte do meio social das pessoas, principalmente daquelas que vivem no meio rural, e com essas histórias, os mais velhos advertiam os mais novos em relação aos perigos e mistérios das florestas.

Assim, o autor enaltece a prática de contador de histórias que é um encantador que inventa e atrai a criança para um mundo mágico, e apesar dela saber que tais seres místicos não existem, embarca na história e se deixa levar por um mundo de coisas irreais. Sobre esse assunto, Busatto (2011) ressalta que:

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo, transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra. O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra,

e o texto deixa de ser signo para se tornar significado. O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo. O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe. O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só. Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar. A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reatualiza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo. A arte de contar histórias nos liga ao indizível e traz resposta às nossas inquietações. Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser. Contar uma história expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser (BUSATTO, 2011, p. 9-10).

Sem dúvidas, o contador de histórias tem o dom de encantar seus espectadores e, como num passe de mágica, fazer com que a história contada se torne envolvente, assim, ele transforma toda a trama em um real imaginário, rebuscado de subjetividade, idealizado pelo ouvinte. Diante das narrativas orais acerca de histórias que envolvem personagens monstruosos, demonstram às crianças que elas, no futuro, quando adultas, terão que lidar com inúmeras adversidades, e essa seria uma forma de educar através das histórias.

Nesta perspectiva, vemos que o ato de contar histórias, a fantasia dos contos, a mitologia que reina no mundo folclórico, atiga o imaginário infantil e cria uma intimidade entre o ouvinte e a história contada, de modo que o contador também é parte desse feito. Como ressalta Bettelheim:

a avó terna que conta a história ao neto que, sentado no seu colo, a ouve embevecido, comunicará qualquer coisa muito diferente do que o pai ou a mãe que, aborrecidos com a história, a leem a alguns filhos, de idades variadas, só por obrigação. O sentido da participação ativa, ao contar a história, constitui um fator vital, que grandemente enriquece a experiência que a criança retira dela. Implica uma afirmação da sua personalidade através de determinada experiência, compartilhada com outro ser humano, o qual, embora adulto, pode apreciar plenamente os sentimentos e as reações da criança. (BETTELHEIM, 2011, p. 242).

Desse modo, entendemos que o folclore é a base cultural para expressar e determinar os estilos de vida dos diferentes grupos sociais, transmitindo os valores acumulados ao longo do tempo de geração em geração. Embora o aspecto cultural seja o objeto mais abrangente no estudo do folclore, muitos são os fundamentos que comprovam sua importância na formação intelectual da criança. Entendemos que Ade representa a criança que, ao conhecer os contos folclóricos, fica encantada e cria um mundo imaginário só dela e passa a acreditar em tais mitos. Nesta perspectiva, a inocência pueril e a imaturidade valida todo acontecimento, e assim a

antítese desse ciclo é representada pelo velho Amis, que com sua experiência de vida e conhecimento, conduz Ade, ou seja, passa o conhecimento.

Como sabemos, a literatura infantil colabora no desenvolvimento intelectual da criança, e não somente é criada para diversão ou entretenimento, mas sim para enriquecer o conhecimento em relação aos acontecimentos em nosso meio e, ainda, essas histórias passam a ter significado na vida da criança e funcionam para tal como uma experiência de vida.

Vemos, então, nessa obra, o gênero conto popular, com foco nos contos folclóricos que têm como predominância o ambiente rural, local de muitas histórias de aventuras, pois o meio ambiente é permeado pelas belezas da fauna e da flora, além de encantar por suas riquezas naturais, também atíça a curiosidade infantil e proporciona um cenário místico e cheio de encantos. A zona rural sempre foi o local predileto para as aventuras pueris, sobre esse assunto, Zilberman e Lajolo (2007) reforçam que:

A literatura infantil, desde seu aparecimento, na Europa moderna, mostrou preferência particular pelo mundo agrícola como local para o transcurso de ações. Isso se deve ao aproveitamento, desde o início, de narrativas de origem folclórica ou contos de fadas de proveniência camponesa como matéria-prima para a (re) criação literária. Também converteram-se em literatura infantil as fábulas e outros relatos (...). (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 59).

Não seria diferente, então, essa narrativa em análise, que além de apresentar esse meio rural, traz à tona alguns contos antigos que têm o poder de revigorar e encantar o imaginário infantil. Como na passagem em que o velho Amis leva a menina Ade para passear de canoa e conta a história do Negrinho d'água, e ensina a menina uma maneira de apagar o “cheiro de gente” que afastava aquela figura mitológica: ele diz que além de ter que chegar ao local bem de mansinho, teria que esfregar bastante gordura de peixe no corpo. “Senão nada de negrinho. Só a mosquitada mordendo Amis e Ade”. (SCAFF, 2006, p. 28).

Sabemos que as pessoas que vivem no meio rural possuem muitos conhecimentos voltados à natureza que estão enraizados em sua cultura, assim, esses conhecimentos narrados pelo autor têm todo um significado rebuscado de misticidade e magia. Notamos que o autor, além de enfatizar os contos folclóricos, dá ênfase aos costumes dos moradores campesinos, desta forma, a criança mergulha na história e tudo se transforma em um mundo fantástico.

Nessa obra, observamos muitos fatores que caracterizam obra regionalista, por demonstrar uma certa fidelidade em seu conteúdo respeitando a descrição local, o povo, os costumes, a cultura, enfim, tudo que reverte ao contexto da história que está sendo contada. E como ressalta Pereira (1998), pertencem ao regionalismo:

de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora [...]. Na verdade, parecendo à primeira vista fácil, está, entretanto, entre os gêneros literários que maiores dificuldades e embustes apresentam. Pela sua natureza, desvia-se do caminho habitual da ficção. Esta, de fato, em regra do particular para o geral, isto é, vê um homem em seu meio – ou contra seu meio – mas vê também o homem, alguém que por suas reações mais profundas se irmana por sobre as diversidades de expressão, aos outros seres; interessa-se pelos indivíduos especificamente, porém na medida em que se integram na humanidade [...]. (PEREIRA, 1998, p. 175-176, *apud* LEITE, p. 229-230).

Sendo assim, *Uma Maneira Simples de Voar* apresenta traços regionalistas pela sua intencionalidade peculiar em mostrar os costumes e credences, superstições e modismos mato-grossenses que muitos conhecedores daquele local, ao se deparar com essa narrativa, irão identificá-las e certamente se entregar ao doce regalo da leitura.

Voltando às aventuras de Ade e o velho Amis, ainda enquanto estavam no rio e o velho conduzia a canoa, temos a água um forte elemento da natureza e um símbolo de passagem da vida, em especial nesse momento em que os aventureiros são levados pela correnteza acontece o ritual de passagem, ou seja, Amis deixa de ser sozinho e tem para si uma amiga, e Ade reciprocamente ganha um amigo e muito conhecimento. Esse acontecimento renova a vida de ambos e um novo ciclo se inicia em suas vidas. Nesse momento, é exposta a valorização da amizade, fluindo assim um sentimento de amor fraternal. Por causa desse acidente em meio ao desespero do velho e da menina, os dois começaram a gritar um pelo outro, assim que o autor de forma lírica usa a sonoridade da evocação dos nomes das personagens para criar uma pequena história para a palavra amizade:

No meio da fúria o vento era suave como o vento da montanha do sermão. O vento imitava todos os sons de uma orquestra. O vento era música. O vento cantava.

Amis, Amis, Ade, Ade. [...]

Unia o vento os nomes

- Amizade. (SCAFF, 2006, p. 41).

O autor destaca que a palavra Amizade é tão poderosa que se formou com a força dos ventos, esse é outro elemento da natureza que representa o mundo intermediário, ele é implacável e tem o poder de mudar a direção das coisas rapidamente, segundo o dicionário de símbolos:

O ar está simbolicamente em estreita relação com o sopro e com o vento; considerado com frequência a matéria tênue do reino intermediário entre as esferas terrena e espiritual, é visto muitas vezes como um símbolo do espírito invisível, mas sensível em seus efeitos. (LEXIKON, 1997).

Assim, o autor apropria-se da sensibilidade do vento para compor a transformação da vida de Amis e de Ade. Então, o velho e a menina, que cultivaram uma amizade muito sincera e autêntica, através da força do amor, conseguiram se salvar. Segundo o autor, a força da amizade despertou o poder do rio, “e o poder do rio era o minhocão”. Assim, o minhocão, com todo seu poder majestoso, aparece e é descrito como um ser descomunal e engole ambos e depois cospe-os na praia, como apresenta o autor:

Na praia, perto d’água, os pés quase molhados, o velho Amis e a menina Ade estavam deitados, lado a lado. De mãos dadas. Não se mexiam. O corpo dos dois estavam embrulhados numa espécie de gosma branca. Parecia algodão-doce e estava respigando de gotas de orvalho. (SCAFF, 2006, p. 49).

Nesse meio tempo, Andriel sentiu a falta da menina e foi a sua procura, ele não conhecia o sítio, como não tinha o cheiro da banana frita para encontrar o local, pois o velho Amis estava fora de casa, mas era tempo de floração, então ele seguiu o cheiro das flores da mangueira para encontrar o sítio. Nesse fragmento da obra, novamente percebemos a sinestesia sendo destacada, associadas as sensações apresentadas que reforçam a intimidade do autor com o leitor ao reproduzir mentalmente cheiros que rememoram suas vivências. Para reforçar essa passagem, Almeida e Magalhães (2019) destacam que:

Há que se considerar que é uma obra, cuja abertura nos permite vivenciarmos “de dentro”, deixando de ser apenas um leitor e passando a sentir, assim como as personagens o frescor das águas, os cheiros constantes na narrativa, que inundam o olfato desse leitor. Portanto, é possível dizer que estamos diante de uma narrativa sinestésica, em que os olhos captam cheiros, gostos e sensações. (ALMEIDA e MAGALHÃES, 2019, p. 111-112).

Andriel procurou por todo canto, pediu ajuda aos peixes, pegou na escama que tinha guardado, esfregou a escama e pediu: - “Valha me rei dos peixes” (SCAFF, 2006, p. 38), pediu ajuda às aves, pediu ajuda à onça e não encontrou ninguém, e assim percebeu que aqueles amuletos não podiam lhe ajudar. Essa passagem, em que o menino Andriel pede ajuda aos seus amuletos, como a escama de um lambari, a pena de um passarinho e o pelo de um filhote de onça, é um momento místico para o menino que tinha sua crença firme nos animais, mas que ao mesmo tempo tinha consciência do mal que o ser humano acarreta ao meio ambiente. O

autor enfatiza, com essa passagem, os costumes dos moradores do interior, que acreditam fortemente em superstições e crendices. Entendemos que comportamentos supersticiosos são resultantes do desejo de compreender o mundo que nos rodeia. Tendemos a nos envolver em atos supersticiosos e adotar tais crenças a fim de compreender os eventos complexos e não familiares ao nosso redor.

Porém, o apelo de Andriel para encontrar a sua amiga não deu certo, assim, aparece uma velhinha de rosto enrugado que irá ajudá-lo, uma vez que a figura da velhinha representa o conhecimento e a sabedoria que aprecia a força e o poder espiritual da natureza. Nessa passagem da narrativa, é apresentado pelo autor outro costume dos ribeirinhos, o ato de colocar uma vela em uma parte da cabaça que sai flutuando pelo rio e, segundo a crença, quando encontrar os corpos dos afogados, a vela para sobre eles. A respeito de crenças populares, Rego e Silva destacam que:

A superstição não é característica de culturas “atrasadas” ou primitivas, mas que em toda sociedade, desenvolvida ou não, as superstições existem e persistem. Nessa linha de pensamento, as superstições condicionam os costumes, e as superstições e costumes seriam produtos da difusão histórica da cultura, mesmo que detenham aspectos e ressignificações locais. Cascudo não entende que haja culturas inferiores ou superiores, apenas que seriam diferentes, estando em processos históricos diferentes. (REGO e SILVA, 2012, p. 68).

Nessa perspectiva, podemos dizer que os costumes e as crenças devem ser respeitados, pois se tratam de uma questão cultural e muitos acreditam e se valem desses meios, tudo depende da crença de cada um para que os fatos aconteçam, pois o que significa num dado local pode não significar em outro, como ressaltam os autores acima, são processos diferentes.

Outro fator em destaque na obra é a cura através de ervas medicinais, aspecto comum entre os moradores do interior. Essa passagem é evidenciada no momento em que a velha faz uma mistura com ervas e promove a cura de seus amigos. Sabemos que o uso de ervas medicinais é uma prática milenar, a sabedoria no uso dessa prática é passada de geração a geração e perdura na atualidade, apesar das indústrias farmacêuticas terem tomado grandes proporções na área, ainda há comunidades alternativas que fazem esse uso.

Então, no momento da despedida dos meninos, o velho lhes oferece uma carona no lombo do Touro Azul, outra personagem de um conto antigo que cativava as crianças com uma história de moralidade e aprendizado, que permeia o imaginário infantil, com possibilidades de criar e recriar fantasias e viajar em um mundo só delas. Sabemos que a cor azul está associada a vários significados, dentre eles, destacamos alguns, segundo Chevalier:

O azul é a mais profunda das cores: nele o olhar se afunda sem encontrar obstáculo e se perde no indefinido, como diante de uma evasão perpétua da cor. O azul é a mais imaterial das cores: a natureza geralmente nos apresenta apenas feito de transparência, isto é, de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio de cristal ou diamante. O vácuo é exato, puro e frio (...). Imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo o que assume sua cor. É o caminho do indefinido, onde o real se transforma em imaginário. É também a cor do pássaro da felicidade, o pássaro azul, inacessível e, no entanto, tão próximo. Entrar no azul equivale a passar para o outro lado do espelho, como Alice no País das Maravilhas. O azul celeste é o caminho dos sonhos, e quando escurece - esta é sua tendência natural - torna-se o caminho dos sonhos. O pensamento consciente gradualmente abre espaço para o inconsciente, assim como a luz do dia torna-se insensivelmente luz noturna. (CHEVALIER, 1986, p. 163-164, tradução nossa).

Diante do enunciado, Scaff traz o Touro Azul em sua narrativa para completar esse misto de magia na aventura de suas personagens, esse ser simbólico é o portal para fazer a passagem do imaginário para o real da vida das personagens. A caminho de casa, Ade e Andriel passaram por uma vastidão de animais pantaneiros que não os assustavam, tudo aquilo fazia parte da aventura, e estavam felizes por tudo que haviam vivenciado no sítio. De repente Andriel viu duas pequenas asas nascerem nas costas de Ade e não disse nada. “Asas de cigarra. Asas de libélulas. Translúcidas”. Da mesma forma, Ade viu asas parecidas nas costas de seu amigo, que deram as mãos “e seguiram caminhando de mãos dadas, que é uma maneira muito fácil de voar” (SCAFF, 2006, p. 57 e 59).

Observamos que o autor dá a suas personagens não asas de anjos comuns nas histórias de outros contos, mas asas de animais típicos da região, e com isso participa novamente do regionalismo e familiariza o leitor.

Entendemos que essa possibilidade de voar descrita por Scaff leva o leitor infantil a um mundo de imaginação e sonhos onde a criança cria asas, pois acredita e vivencia tais fantasias constantemente em seu imaginário. Assim, a partir do momento em que as personagens se encontram na mesma fantasia, como é caso de Ade e Andriel, elas vão para além do mundo real e alcançam voos imaginários. Para reforçar essa passagem, Bachelard afirma que:

[...] a asa imaginária é posterior ao voo. Sentimos as asas quando não fazemos mais esforço para voar. Elas vêm imediatamente, como um sinal de vitória, e então se desenrola [...] a psicologia do voo planado (BACHELARD, 2001, apud. ALMEIDA e MAGALHÃES, 2019, p. 118).

Em *Uma Maneira Simples de Voar*, lembramos passagens de nossa infância e revivemos momentos ímpares, existentes somente em nossa imaginação. É como diz Bachelard, quando não precisamos de esforço para voar, realmente o voo acontece, ao livrarmos das amarras que a vida nos apresenta. Desse modo, a obra alcança o leitor, que se permite voos extraordinários, assim, a obra de Scaff possibilita essa oportunidade de viajarmos nas asas da imaginação. Diante disso, a obra de Scaff traz à tona os contos e mitos folclóricos de forma a recriar e lembrar histórias de nossa ancestralidade, que passaram por nossa infância e agora refazem o mesmo trajeto na vida de outras crianças. Para reforçar essa ideia, Busatto afirma que:

As histórias, oriundas da tradição oral ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados: Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significativa e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias. Então, que venham os contadores e suas histórias. (BUSATTO, 2011, p. 128).

É válido ressaltar que a obra apresenta explicitamente elementos regionais, o que valoriza e enaltece a cultura mato-grossense, pois quem não a conhecia passa a conhecer alguns de seus aspectos a partir da leitura. Da mesma forma, o autor oferece ao leitor, de forma lúdica, os contos folclóricos que por muitas estavam adormecidos, assim, Scaff recria e reinventa de modo a atrair o leitor não por sua moralidade na história, mas pelo prazer de conhecer e vivenciar tais aventuras e assim mergulhar na fantasia. A respeito da fantasia no mundo infantil, Held destaca que:

O papel do fantástico não é, de maneira alguma, dar à criança receitas de saber e de ação, por mais exatas que sejam. A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa re-criação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem. (HELD, 2018, p. 234).

A obra *Uma Maneira Simples de Voar* conduz o leitor infantil a um mundo de descobertas que o transporta e abre as portas da imaginação, o que lhe permite afastar-se da

rigidez da realidade e assim vivenciar essas aventuras proporcionadas pelo velho Amis, a menina Ade, o menino Andriel e Siá Frô.

Assim, Scaff realiza seu papel, no sentido de emocionar e cativar o público infantil, pois ao criar essa obra, ele cria concomitantemente uma intimidade com o leitor, que se insere nesse mundo e estabelece uma linha de pensamento, assim, o autor alcança a realidade de seu público por suas familiaridades. E apesar desse autor ser adulto, ele mostra sua maestria em relação ao conhecimento dos contextos apresentados, que transporta o leitor, seja ele adulto ou infantil, a um mundo que consegue ver as coisas na perspectiva da visão da criança.

É válido ressaltar que apesar dessa obra abordar em seu contexto lendas e mitos do folclore brasileiro recordando em especial as lendas mato-grossenses, o mote principal que conduz o enredo da obra são o companheirismo e a amizade entre as personagens, que apresentam um grande afeto familiar que emana sentimentos de amor fraternal próximo à realidade das pessoas, e essa proximidade é fator crucial que a torna tão singular e envolvente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Uma Maneira Simples de Voar*, encontramos um portal mágico que ao abrir o livro percebemos que, se quisermos, podemos voar. Scaff nos proporciona esse voo, precisamos deixar o coração nos levar, ele mostra o caminho, e se você estiver acompanhado devem estar em sintonia, pois, assim, os caminhos que se cruzam te levarão ao mesmo destino, e não se preocupe se caso não conhecer o caminho, pois o cheiro de banana frita te conduzirá, como aconteceu com a menina Ade, e mesmo se não houver ninguém na casa, mas se conhecer o cheiro da floração das mangueiras, o olfato não te trairá, como aconteceu com Andriel. E se acaso sentir medo porque o minhocão do Pari ronda essas terras, não tema, o velho Amis sabe como acalmar você, pois o grande minhocão só está fazendo seu trabalho, ele é o poder da terra que revira e revive os seres.

Quando os humanos persistirem em acabar com as espécies de peixes e o Negrinho d'água não conseguir espantá-los, ele chama a Mãe d'água, que com sua beleza atrai e leva os teimosos para o fundo do rio, não por maldade, mas para fazer valer os direitos dos animais de se reproduzirem e assim proliferarem suas espécies.

Em meio à ventania, se acaso levantar um redemoinho de poeira e não enxergar mais nada, se acalme, é o Saci passando para te cumprimentar, ele faz suas diabruras, mas são brincadeiras só para chamar sua atenção. E se por acaso sentir um mal-estar de tanta emoção, passe na casa da Siá Frô, quem sabe se com um benzimento ou chá de ervas tudo não se resolve?

E não fique preocupado com o tempo, pois se você entrar nesse mundo de fantasia verá que lá o tempo é diferente, como já dito tudo que se quiser, basta apenas imaginar que as coisas lhes aparecem. Mas não fique esperando muito tempo, pois no sítio as estações são respeitadas e no tempo das águas os caminhos se fecham, mas se for bem no início das enchentes, o Touro Azul pode fazer a travessia, e aí quando você colocar de novo o pé na estrada de volta para casa, você entenderá por que criou asas e de mãos dadas saberá como é simples voar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marinei; MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. **Pelo Cheiro “Da Banana Frita”: A Magia da Escrita de Ivens Scaff**. Revista Ecos. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários / UNEMAT. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/4153>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstições e Costumes**. Rio de Janeiro: Antunes, 1958.

CHEVALIER, Jean. Con la colaboración de Alain Gheerbrant. **Diccionario De Los Símbolos**. Editorial Herder, Barcelona, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

LEITE, Mário Cezar Silva. Literatura, regionalismo e identidade: cartografia mato-grossense. IN: LEITE, Mário Cezar Silva. **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

MIELIETINSKI, Eleazar. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 197.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do; SILVA, Amana Raab Nascimento Câmara e. (UFRN). **O Pensamento Social Brasileiro Em Superstição E Costumes De Luís Da Câmara**

Cascudo. Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 6, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/3306>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SCAFF, Ivens Cuiabano. **Uma Maneira Simples de Voar.** Entrelinhas. Cuiabá. 2006.